

Bird tem superávit na relação com o Brasil

Sergio Leo

BRASÍLIA — Pelo terceiro ano consecutivo, o Banco Mundial (Bird — Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento), agência financeira criada na década de 40 para estimular o crescimento das nações, vai receber do Brasil cerca de US\$ 700 milhões a mais que os empréstimos liberados ao país. A recusa da instituição em desembolsar novos empréstimos setoriais — grandes pacotes de financiamento, com pagamento rápido — obrigou o governo a concentrar esforços na conclusão de pedidos para projetos específicos, mesmo que o dinheiro demore mais tempo para chegar.

— O Banco paralisou os empréstimos setoriais alegando dificuldades macroeconômicas do país. Mas, há dois meses sua direção ofereceu US\$ 350 milhões ao setor elétrico, sem que a situação macroeconômica fosse muito diferente —, queixa-se um alto funcionário do governo, na linha de frente das negociações com o Bird. Com a decisão, ficaram paralisados, além dos empréstimos ao setor elétrico (outro setorial, de US\$ 500 milhões, era esperado desde o ano passado e o governo já nem conta com ele), um empréstimo ao setor financeiro, de US\$ 500 milhões no total, que deveria ter sido firmado até junho, e outro, de no máximo US\$ 300 milhões, para incentivo ao comércio exterior. Ainda este mês o ministro do Planejamento, João Batista de ABreu, deve viajar a Washington para discutir esses problemas com a direção do Banco.

O endurecimento do Bird, que em março chegou a enviar uma missão de alto nível ao Brasil prometendo um pacote de US\$ 1 bilhão em empréstimos ao setor elétrico, é atribuído, no governo, à dificuldade encontrada para assinatura do acordo de 1989 com o FMI (Fundo Monetário Internacional), em função da incerteza da economia brasileira. A equipe econômica aguarda o resultado da viagem do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, a Washington, para discussão com o FMI e o Bird dos problemas encontrados pelo governo para equilibrar as contas públicas. Mas, mesmo que se consiga resolver a pendência com o Fundo, os técnicos do governo não acreditam em uma solução, ainda este ano, do saldo negativo nas transações com o Banco Mundial.

A saída, para evitar que os pagamentos ao Bird pesem ainda mais nas contas externas brasileiras, está sendo a concentração dos esforços do governo brasileiro nas negociações de projetos específicos, de discussão mais complexa e desembolso mais demorado — com cronogramas que se estendem por cinco anos, em geral. No governo, discute-se a possibilidade de, no segundo semestre, se direcionar pouco menos de US\$ 200 milhões do Bird à Petrobrás para construção de oleodutos e gasodutos que já fazem parte da programação de investimentos da empresa.